

Dependências online: Estudo sobre a percepção da supervisão parental numa amostra de pais de crianças e jovens

Ivone Patrão

Pedro Aires Fernandes

Resumo: A dependência online é transversal a todas as gerações. A geração cordão é aquela que não desliga, que tem dificuldade nas competências sociais, na auto regulação emocional e no processo de autonomia. A questão que se coloca é a do modelo parental na gestão da tecnologia. Os dados em amostras portuguesas de jovens, considerados a geração cordão (Patrão, 2017) (entre os 12 e os 30 anos) apontam para um cenário preocupante de cerca de 25% com adição à internet, sobretudo dos jogos online e das redes sociais. O objetivo do estudo foi de avaliar percepção do controlo parental numa amostra de pais e a relação com a dependência online e funcionamento familiar. Aplicou-se um protocolo de investigação online a uma amostra de 95 pais, com a avaliação de dados sociodemográficos, dados do uso e acesso à internet, da supervisão parental, da dependência online e do funcionamento familiar. Os resultados recolhidos indicam que há um baixo nível de supervisão parental nas atividades online dos filhos. Os pais em geral apresentam-se como um modelo com preferência pelas redes sociais com consumo diário de em média 5h por dia, sendo que nesta amostra a dependência online está correlacionada com a percepção de um bom funcionamento familiar. Estes dados remetem para a necessidade de apostar na promoção da gestão saudável dos comportamentos online, por todos, e na clara sensibilização daqueles que funcionam como modelo educativo.

Introdução

As figuras parentais são agentes centrais na socialização e fornecem as ligações emocionais, limites comportamentais e modelagem do comportamento, que afetam o desenvolvimento da auto-regulação, das expressões emocionais e da gestão de expectativas no que diz respeito ao comportamento de uma criança ou de um jovem.

Hoje em dia, educar na sociedade da informação não é apenas investir num aparelho tecnológico, mas sim também ensinar a usá-lo. Por isso, pais familiarizados com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) poderão ter crianças que se desenvolvem numa

relação mais estreita com a tecnologia, sem sentirem barreiras, enquanto pais info excluídos, por opção ou por não investimento nas TIC, podem ter crianças que usam a tecnologia com menos controlo e supervisão (Li, Dang, Zhang, Zhang, & Guo, 2014).

Tisseron (2013) faz uma proposta para os pais sobre a gestão do acesso das TIC – a regra dos 3-6-9-12 anos, referindo que: aos 3 anos, as crianças podem começar a ver televisão; aos 6 anos, podem começar a usar jogos *offline*; aos 9 anos, podem começar a usar a *Internet*, com supervisão parental; e aos 12 anos, podem entrar nas redes sociais.

As teorias acerca dos desvios comportamentais têm incluído os pais como elementos centrais na sua estrutura compreensiva. A pesquisa tem demonstrado que boas relações com os pais, centradas no diálogo e na negociação de regras quanto ao uso das TIC podem proteger os adolescentes de iniciar comportamentos de risco, sobretudo de entrar numa linha de dependências *online* (Kalaitzaki & Birtchnell, 2014; Li, Li, & Newman, 2013; Li, Dang, Zhang, Zhang, & Guo, 2014; Odacı & Çıkrıkçı, 2014).

A geração cordão é aquela que não desliga, que só socializa *online*, e que na sequência disso tem um parco desenvolvimento das suas competências sociais e na gestão das suas emoções quando tem de seguir um modelo de relação presencial, e é confrontado com o processo de autonomia a todos os níveis (Patrão, 2017). O risco é do desenvolvimento de uma dependência *online*.

O objetivo do estudo foi a avaliação da perceção do controlo parental numa amostra de pais e a relação com a dependência *online* e funcionamento familiar.

Método

Amostra

A amostra é constituída por 95 pais, com as seguintes características: 77.8% do sexo feminino; média de idade de 43 anos ($DP=5.9$); média de número de filhos – 2; Média idade: 1º filho – 12 anos; 2º

Filho – 10 anos; 65% tem o ensino universitário; 99% estão activos profissionalmente; e 83% estão numa relação de compromisso.

Instrumentos

O protocolo de investigação foi constituído por: Questionário socio-demográfico, de acesso e uso da *internet*; IAT – *Internet Addiction Test* (Pontes, Patrão, & Griffiths, 2014), que avalia a extensão do envolvimento do indivíduo com a *internet* e classifica o comportamento dependente em suave, moderado e severo; e a FAD – *Family Assement Device* (FAD) (Epstein, Baldwin, & Bishop, 1983), que avalia a estrutura e propriedades de organização da família e os seus padrões de relação.

Procedimento

Aplicou-se um protocolo de investigação *online*, através de um *link* específico a uma amostra de 95 pais. Após preenchimento do consentimento informado, avaliaram-se os dados sociodemográficos, dados do uso e acesso à *internet*, da supervisão parental, da dependência *online* e do funcionamento familiar.

Após a recolha de dados procedeu-se à análise estatística com recurso ao programa estatístico *SPSS (IBM SPSS Statistics Version 23)*, tendo sido efectuadas as estatísticas descritivas para a caracterização da amostra e dos comportamentos *online* e as correlações de *Pearson* entre as variáveis em estudo.

Resultados

Acesso à Internet

Em média esta amostra de pais iniciou o acesso à *internet* aos 24 anos; 49% acede à *internet* no trabalho; 63% através de dispositivos fixos; 72% acede à *internet* por lazer até 4h por dia; 95% acede à

internet para socializar até 5h por dia; 53% acede à *internet* por questões de trabalho até 5h por dia; para 50% dos pais estar na *internet* não tira tempo para trabalhar, dormir, socializar, estar com a família e fazer exercício físico.

Atividades na Internet

As redes sociais são a preferência de 46% dos pais, seguidas da comunicação *online* (e.g., *email*, *chats*) (45%) e do Multimédia (42%); 7% dos pais joga *online* todos os dias; 38% joga de vez em quando; A maioria dos pais que jogam (52%) não joga jogos *online* com apostas a dinheiro.

Controlo parental

Em relação ao controlo parental do que se passa *online*, 97% dos pais considera o seu estilo parental democrático; 78% deixa o filho estar na *internet* até 4h p/dia; 57% deixa até 4h p/ dia durante os dias do fim de semana; 84% controla o uso da *internet* dos filhos; 80% afirma que os filhos fazem as refeições sem acesso aos dispositivos móveis; 68% afirma que os filhos não têm acesso aos dispositivos móveis à noite.

Dependência online e funcionamento familiar

A dependência online dos pais está correlacionada com a ausência de perceção de alterações no Funcionamento Familiar. Há a perceção de um bom e coeso funcionamento familiar, sem conflito ($p=0.000$; $r=.167$).

Discussão

No geral os resultados indicam que há um baixo nível de supervisão parental nas atividades *online* dos filhos, e que os próprios pais

apresentam um consumo diário de em média 5h por dia, muito semelhante ao tipo de consumo em amostras de jovens (Patrão, 2016; Patrão et al., 2016; Patrão, Machado, Fernandes, & Leal, 2015), sobretudo tendo como preferência as redes sociais.

A dependência *online* nesta amostra de pais está correlacionada com a percepção de um bom funcionamento familiar, o que constitui um dado preocupante, uma vez que a *Internet* surge como uma estratégia, que para aqueles pais que dependem dela, previne o diálogo, a comunicação e os conflitos na família. E assim a *internet* promove o estar fora da família, dentro de casa! É importante alertar os pais e comunidade geral para este risco.

Os pais desempenham um papel importante na educação, mas muitas vezes sentem-se perdidos no meio da oferta de inovações tecnológicas, sem saber quais os limites a serem impostos, ou mesmo sem terem real conhecimento dos perigos que os seus filhos correm em virtude da descontrolada exposição *online*. Alguns estudos alertam para o fato dos estilos parentais mais permissivos e a falta de coesão familiar se encontrarem relacionados com a presença de uma dependência *online* em jovens (Gunuc & Dogan, 2013; Gündüz & Sahin, 2011; Li, Dang, Zhang, Zhang, & Guo, 2014; Kalaitzaki & Birtchnell, 2014). Dosear o tempo de contacto de todos em família e realizar uma adequada supervisão de acesso a conteúdos de acordo com a idade da criança/jovem será um primeiro passo muito importante (Şenormancı, Şenormancı, Güçlü, & Konkan, 2014).

Estes dados remetem para a necessidade de apostar na promoção da gestão saudável dos comportamentos *online*, por todos, e na clara sensibilização daqueles que funcionam como modelo educativo. Os profissionais que fazem intervenção nesta área podem aproveitar o poder das Tecnologias – aproveitar a sua força, para fazer intervenções *online* – por ser um dos canais de chegar às famílias, e sobretudo, aos jovens.

Este estudo, apesar de ter uma amostra reduzida de pais e de não contemplar uma avaliação qualitativa, de forma a compreender melhor os comportamentos *online* dos pais, deixa um contributo significativo para a continuidade da investigação nesta área.

Referências

- Epstein, N. B., Baldwin, L. M., & Bishop, D. S. (1983). The McMaster family assessment device. *Journal of Marital and Family Therapy*, 9(2), 171-180.
- Gunuc, S., & Dogan, A. (2013). The relationships between Turkish adolescents' Internet addiction, their perceived social support and family activities. *Computers in Human Behavior*, 29, 2197-2207.
- Gündüz, S., & Sahin, S. (2011). Internet usage and parents' views about internet Addiction. *International Journal of Human Sciences*, 8(1), 277-278.
- Kalaitzaki, A., & Birtchnell, J. (2014). The impact of early parenting bonding on young adults' Internet addiction, through the mediation effects of negative relating to others and sadness. *Addictive Behaviors*, 39, 733-736.
- Li, C., Dang, J., Zhang, X., Zhang, Q., & Guo, J. (2014). Internet addiction among Chinese adolescents: The effect of parental behavior and self-control. *Computers in Human Behavior*, 41, 1-7.
- Li, X., Li, D., & Newman, J. (2013). Parental behavioral and psychological control and problematic Internet use among Chinese adolescents: The mediating role of self-control. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(6), 442-447.
- Odacı, H., & Çıkrıkçı, Ö. (2014). Problematic internet use in terms of gender, attachment styles and subjective well-being in university students. *Computers in Human Behavior*, 32, 61-66.
- Patrão, I. (2016). Comportamentos online em jovens portugueses: Estudo da relação entre o bem-estar e o uso da internet. *Atas do 11º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*, 341-346.
- Patrão, I. (2017). *#GeraçãoCordão: A Geração que não desliga*. Lisboa: Lidel, Pactor.
- Patrão, I., Machado, M., Fernandes, P., & Leal, I. (2015). Jovens e Internet: Relação entre o bem-estar, isolamento social e funcionamento familiar. In L. Mata, F. Peixoto, J. Morgado, J. Silva, & V. Monteiro (Orgs.), *Atas do 13º Congresso de Psicologia e Educação* (pp. 241-249). Lisboa: ISPA – Instituto Universitário.
- Patrão, I., Reis, J., Paulino, S., Croca, M., Moura, B., Carmenates, S., . . . Sampaio, D. (2016). Avaliação e intervenção terapêutica na utilização problemática da internet (UPI) em jovens: Revisão da Literatura. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7, 221-243. doi: hdl.handle.net/11067/3514.
- Pontes, H., Patrão, I., & Griffiths, M. (2014). Psychometric proprieties of the Internet Adiction Scale: Portuguese version. *Journal of Behavior Addiction*, 3(2), 107-114.

Şenormancı, Ö., Şenormancı, G., Güçlü, O., & Konkan, R. (2014). Attachment and family functioning in patients with Internet addiction. *General hospital psychiatry*, 36(2), 203-207.

Tisseron, S. (2013). *Computadores, telemóveis e tablets: Como crescer e progredir com eles*. Lisboa: Gradiva.

